

Tuca, Cacá e o Lobisomem

Jaqueline Santana



Ilustração
Juca Lordelo





Reitoria

Reitora: *Isabela Fernandes Andrade*

Vice-Reitora: *Ursula Rosa da Silva*

Chefe de Gabinete: *Aline Ribeiro Paliga*

Pró-Reitora de Ensino: *Maria de Fátima Cossio*

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação: *Flávio Fernando Demarco*

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: *Eraldo dos Santos Pinheiro*

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: *Paulo Roberto Ferreira Júnior*

Pró-Reitor Administrativo: *Ricardo Hartlebem Peter*

Pró-Reitor de Gestão da Informação e Comunicação: *Julio Carlos Balzano de Mattos*

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis: *Rosane Maria dos Santos Brandão*

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: *Taís Ullrich Fonseca*

Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: *Ana da Rosa Bandeira*

Representantes das Ciências Agrárias: *Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner* (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: *Eder João Lenardão* (TITULAR), *Daniela Hartwig de Oliveira e*

Aline Joana Rolina Wohlmuth Alves dos Santos

Representantes da Área das Ciências Biológicas: *Rosangela Ferreira Rodrigues* (TITULAR), *Francieli Moro Stefanello e*

Marla Piumbini Rocha

Representantes da Área das Engenharias: *Reginaldo da Nóbrega Tavares* (TITULAR), *Cláudio Martin Pereira de Pereira e*

Jairo Valões de Alencar Ramalho

Representantes da Área das Ciências da Saúde: *Fernanda Capella Rugno* (TITULAR), *Jucimara Baldissarelli e Zayanna*

Christina Lopes Lindoso

Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas: *Daniel Lena Marchiori Neto* (TITULAR), *Bruno Rotta Almeida e*

Marislei da Silveira Ribeiro

Representantes da Área das Ciências Humanas: *Charles Pereira Pennaforte* (TITULAR), *Silvana Schimanski e William*

Daldegan de Freitas

Representantes da Área das Linguagens e Artes: *Chris de Azevedo Ramil* (TITULAR), *Daniel Soares Duarte e Luís Fer-*

nando Hering Coelho

Tuca, Cacá e o Lobisomem

Jaqueline Santana



Ilustração
Juca Lordelo





**Editora
UFPel**

Filiada à ABEU

Rua Benjamin Constant, 1071 - Porto
Pelotas, RS - Brasil
Fone +55 (53)3284 1684
editora.ufpel@gmail.com

Catalogação na Publicação
Maria Inez Figs – CRB-10/1612

S232t Santana, Jaqueline
Tuca, Cacá e o Lobisomem [recurso eletrônico] / Jaqueline
Santana ; ilustrador Juca Lordelo. – Pelotas: Ed. da UFPel,
2023.
50 p. : il. color.

24.3 MB, E-book PDF
ISBN 978-85-60696-31-4

1. Literatura infanto-juvenil. I. Lordelo, Juca, il. II. Título

CDD 028.5

Seção de Pré-Produção

Isabel Cochrane

Administrativo

Suelen Aires Böettge

Administrativo

Seção de Produção

Preparação de originais

Eliana Peter Braz

Administrativo

Catalogação

Madelon Schimmelpfennig Lopes

Administrativo

Revisão textual

Anelise Heidrich

Assistente de Revisão

Suelen Aires Böettge

Administrativo

Projeto gráfico e diagramação

Fernanda Figueredo Alves

Carolina Abukawa (Bolsista)

Coordenação de projeto

Ana da Rosa Bandeira

Seção de Pós-Produção

Marisa Helena Gonsalves de Moura

Administrativo

Eliana Peter Braz

Administrativo

Projeto Gráfico & Capa

Carolina Abukawa

Imagem da Capa & Ilustrações

Juca Lordelo

Agradecimentos

Acreditando que a gratidão é a melhor qualidade de uma pessoa, conforme me ensinaram meus pais, agradeço a todos que me ajudaram na realização deste projeto:

Louise, grande amiga, orientadora, parceira e agora baiana.

Ana, editora e pé de coelho editorial, rumo a mais um sucesso da Editora da UFPel.

Carlos, o meu querido Cacá, marido que em momentos de afeto não cansa de relatar sua infância feliz, ao lado de seu grande amigo Edmilson, o Tuca.

Jean Gomes, menino quilombola do Monte Recôncavo, em São Francisco do Conde, que me apresentou ao mito fundante local do Lobisomem.

Rosy Lapa, que em suas maravilhosas aulas, me inspirou na narrativa dessa história, que exalta a diversidade.

Auguri!



Ouvir histórias é um dom que a sensibilidade determina.

Contar histórias é um talento que meus antepassados quilombolas e indígenas possuíam e que eu tento honrar pela via da escrita, arte à qual eles não tiveram acesso.

Ir aos quilombos, ouvir as histórias e depois registrá-las para as gerações futuras é um talento que tenho buscado desenvolver ao longo de minha vida acadêmica.

Tento, com isso, espalhar riquezas culturais e conversar com crianças de todas as idades, etnias e classes sociais, por meio dos livros que escrevo e publico.

E este novo livro celebra a amizade leal entre duas crianças. O mundo precisa de amor e que amores como o existente entre Tuca e Cacá surjam cada vez mais entre as pessoas.

Dedico-o a todos que são capazes de fazer e manter amizades como a desses dois meninos tão iluminados.

Namastê



Tuca e Cacá são amigos inseparáveis, que fazem tudo juntos: são vizinhos de rua, estudam na mesma escola e classe, fazem as tarefas escolares, brincam de carrinho de rolimã, jogam bola no campinho, empinam pipa...enfim, aproveitam a infância.

Apesar de diferentes fisicamente e na personalidade, eles têm uma relação de respeito e cumplicidade admirada por todos.

Como meninos estudiosos, sempre cumprem as atividades escolares à risca e depois brincam durante os dias da semana.

Nunca deixam deveres e pesquisas para fazer no fim de semana e em feriados, pois gostam de ter as horas livres para as inúmeras diversões.

Assim, sempre têm muitos planos à vista.



Um dia, perto do feriado da Páscoa, Tuca chegou à escola mais pensativo do que de costume. Cacá logo percebeu e foi perguntando:

– O que houve para você estar com essa cara enfezada, cara?

– Minha mãe me falou que vamos viajar quinta-feira. Parece que vamos passar o feriado na casa de meus avós.

– E agora??!! Perguntou logo Cacá, preocupado... A gente já tinha programado tantas atividades para os dias que não teremos aula! E eu, vou ficar aqui sozinho??

– Puxa, é mesmo... Eu estava pensando nisso quando cheguei. Será que seus pais deixariam você ir com a gente?

– Não sei, nunca viajei sem meus pais... Quem vai lá em casa pedir a eles pra eu ir?

– Vou conversar com minha mãe na hora do almoço e, se ela concordar, vamos em sua casa hoje ainda.

E assim aconteceu, apesar de muito apegados ao filho, os pais de Cacá permitiram que ele acompanhasse seu amigo e família nessa aventura.

A família de Tuca vive numa comunidade quilombola, um pouco distante da capital onde os meninos moram.

Isso despertou nos amigos mais ansiedade...

Nem dormiram direito pelas noites que se seguiram, imaginando as aventuras que poderiam viver nos próximos dias.



Enfim, chegou o grande dia!

Todos acordaram bem cedo, ainda na madrugada, e saíram antes do sol nascer, pois haviam combinado de tomar o café da manhã na casa da avó materna de Tuca, dona Amélia, que faz uns bolos deliciosos.

Que emoção os meninos sentiram ao avistar o sol nascendo e as lindas paisagens pela janela do carro!

Passaram a viagem toda tagarelando, combinando muitas brincadeiras e visitas a familiares e amigos.





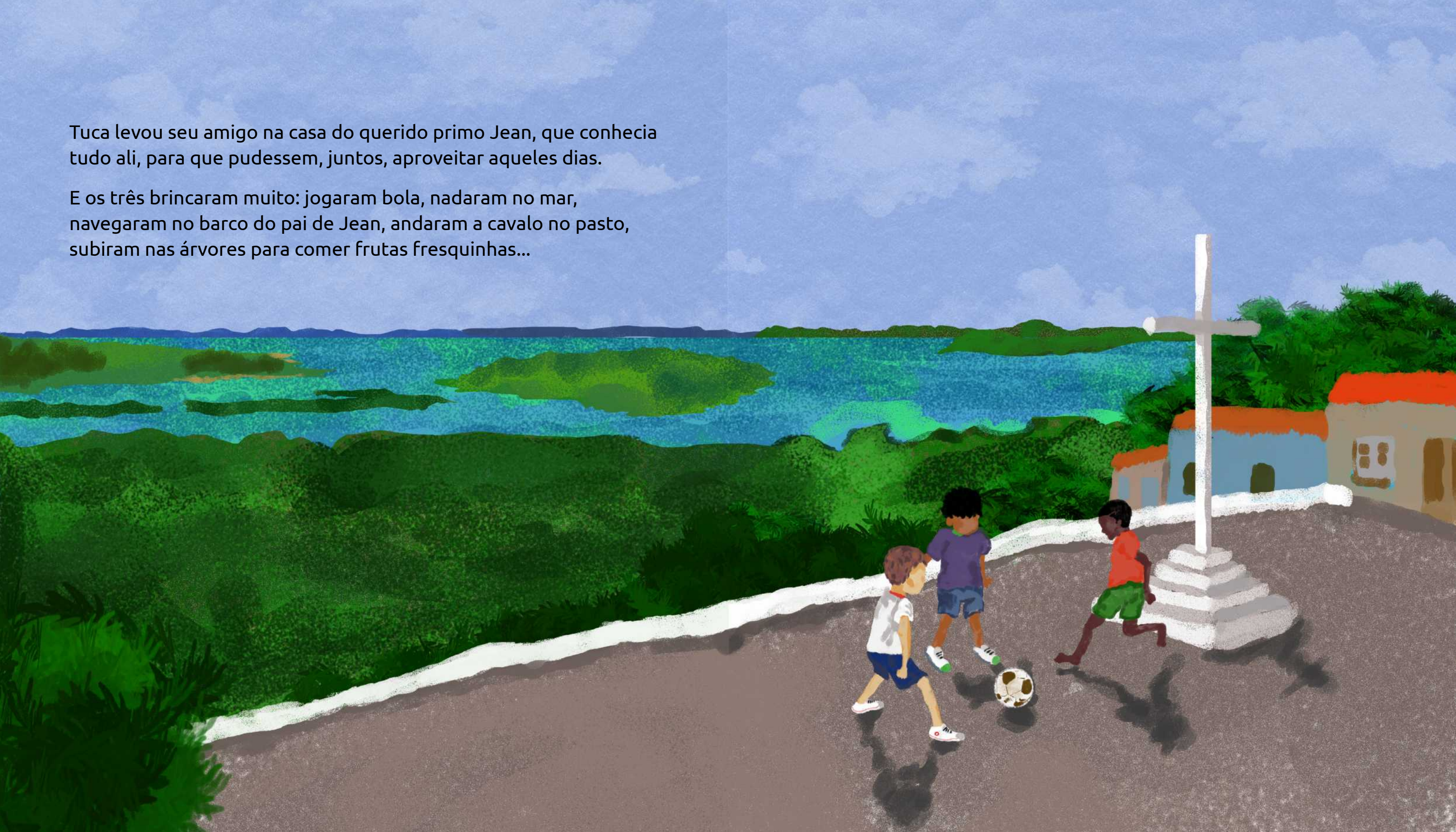
Chegaram ao lindo quilombo e os meninos não cabiam em si de tanta alegria e entusiasmo: admiraram a colina verdinha, os bois nos pastos, a linda e antiga igreja no topo do Monte e, de frente para o mar, as casinhas alinhadas lado a lado nas ruas de ladeiras e tão arborizadas.

Mas o que causou maior emoção nos meninos foi a maravilhosa vista para a baía, onde se pode avistar um mangue e muitos barcos de pescadores que vivem na comunidade.

Cacá não via a hora de conhecer todas essas belezas de perto e, assim, depois dos cumprimentos à família e de saborearem um delicioso café da manhã, os meninos saíram felizes pelas ruas.

Tuca levou seu amigo na casa do querido primo Jean, que conhecia tudo ali, para que pudessem, juntos, aproveitar aqueles dias.

E os três brincaram muito: jogaram bola, nadaram no mar, navegaram no barco do pai de Jean, andaram a cavalo no pasto, subiram nas árvores para comer frutas fresquinhas...





À noite, após o banho, observaram a mãe e a avó de Tuca fazendo a refeição e Cacá ficou curioso para entender como funcionavam alguns objetos que ele nunca tinha visto: o pilão que vovó Amélia usava para moer os temperos causou nele muita admiração, pois era uma cumbuquinha e um machucador feitos de madeira do qual se extraía o pó do cominho, além de outros temperos...que cheiro gostoso!



E o enorme pote para guardar água? Cacá nunca tinha visto um daquele, feito de barro e tampado com uma tampa também de barro, que protegia a água de mosquitos e outros insetos. Claro que ele quis provar a água geladinha que saía dele...

O fogão de lenha, além de servir para cozinhar alguns alimentos, também servia para aquecer a cozinha, tão fria na noite de outono.

Após o jantar, todos se reuniram na porta da casa da avó de Tuca e Jean para conversar com a família e os vizinhos e ouvir muitas histórias.

Nessas histórias, os assuntos são variados: lembranças da infância e da juventude, notícias de parentes que moram em outros lugares, novidades da cidade e do quilombo.

Mas o que mais interessa às crianças são as assustadoras histórias de assombração: de fantasmas, da mula-sem-cabeça, do boitatá...



No dia seguinte, Sexta-feira da Paixão, não houve muito tempo para brincadeira, pois os meninos tiveram que participar das atividades religiosas.

Primeiro, o almoço que reuniu toda a família em volta da enorme mesa, onde, após as orações, puderam saborear os maravilhosos pratos da culinária local: moqueca de marisco, peixe frito e frigideira de siri catado. Também havia as comidas baianas que eram os acompanhamentos: caruru, vatapá, feijão fradinho e arroz ao leite de côco, todos servidos em lindos recipientes de barro, como panelas e bandejas.

Vó Amélia começou a narrativa com sua voz de melodia:

– O lobisOMEM nasceu há muitos anos, aqui no Monte. Ele é o sétimo filho de um casal de amigos de meus pais, já falecidos. Por ser o sétimo filho homem e não ter nenhuma irmã mais nova, recebeu essa maldição de se transformar em lobisOMEM, que é um homem peludo, com cara de lobo e garras afiadas. Nas noites de lua cheia, como hoje, ele se transforma e sai pelas ruas a uivar e procurar caça.

– Meu Deus! – disse Tuca, assustado. Esse lobisOMEM mora aqui perto, vovó? Será que a essa hora, com a lua assim tão cheia no céu, ele já não se transformou e está vindo para cá, pegar a gente??

Cacá, que morre de medo de assombração, quase desmaiou ao perceber que seu amigo estava coberto de razão.

– Ele mora numa rua lá embaixo, Tuca, perto da casa de farinha e da plantação de aipim – respondeu a vovó, com doçura. Costuma sair bem mais tarde, quando todos já estão deitados. A gente ouve seus uivos, mas pouca gente já o avistou, pois ele costuma caçar mais pros lados dos matos.



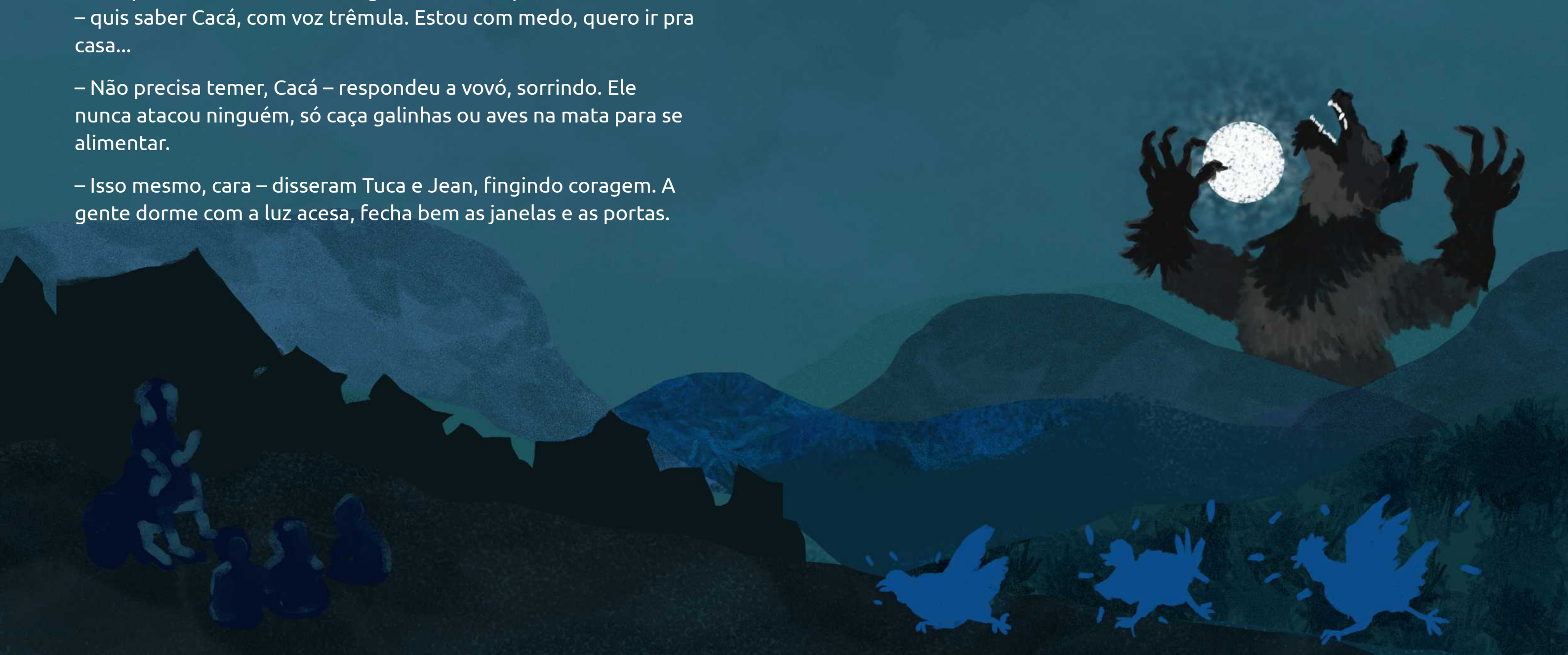
A noite silenciosa tornava a história ainda mais assustadora e os meninos estavam suando frio de tanto medo:

– E como é a vida dele aqui na comunidade, vovó, se todo mundo sabe que ele é lobisomem? Ninguém faz nada pra ele ir embora?
– quis saber Cacá, com voz trêmula. Estou com medo, quero ir pra casa...

– Não precisa temer, Cacá – respondeu a vovó, sorrindo. Ele nunca atacou ninguém, só caça galinhas ou aves na mata para se alimentar.

– Isso mesmo, cara – disseram Tuca e Jean, fingindo coragem. A gente dorme com a luz acesa, fecha bem as janelas e as portas.

– E por falar em dormir, já chegou a hora de vocês entrarem para deitar, rapazinhos – falou Rita, a mãe de Tuca. Não esqueçam de escovar os dentes e rezar pra Nossa Senhora proteger vocês de todo o mal.





Nunca foram tão sinceras as súplicas dos meninos à Mãe de Jesus como naquela noite, de tanto pavor que estavam do terrível lobisomem!

E quem falou que conseguiram dormir? Apesar de terem brincado durante todo o dia, foram dominados por um misto de medo e curiosidade para ouvir e ver essa assombração que morava ali, pertinho deles!

Dona Rita entrou no quarto para conferir se estavam dormindo, mas os malandrinhos fecharam os olhos, fingindo. Aí, ela, percebendo tudo, apagou a luz, sorrindo.

– Uaaaaaaaaiiiiiiiii!!!! Gritaram os três, assim que perceberam a escuridão dominar o quarto.

– Pensaram que iam me enganar, né, seus matreiros? Riu a mãe de Tuca, divertida. Eu vou deixar a luz acesa, mas tratem de tentar

dormir que o lobisomem não vai entrar aqui. Quando eu era criança, também tinha medo dele.

– A gente queria ouvir os uivos, mamãe, disse Tuca. A senhora já ouviu?

– Muitas vezes, meu amor. É assustador, mas com o tempo me acostumei. Sempre vivi aqui e só mudei para a cidade quando precisei terminar os estudos, aos quinze anos, quando fui fazer o ensino médio. Depois que comecei a trabalhar, conheci seu pai e logo nos casamos. Como ele trabalha muito, a gente só vem aqui nas férias e nesses feriados grandes, como o carnaval e a Páscoa. Como nunca houve lua cheia nesses últimos anos nessas ocasiões, você nunca ouviu, Tuca.

– Entendi! Mas eu quero ouvir...

Dona Rita se despediu dos três jogando um beijo e saiu do quarto.



Os meninos ficaram acordados, conversando baixinho, enquanto esperavam o terrível uivo do lobisomem.

Esperaram tanto, tanto...já estavam quase adormecendo, vencidos pelo sono, quando ouviram, a uma distância não muito grande dali:

– Aaaaaauiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiuuuu...
Aaaaaauiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiuuuu....

Os meninos deram um pulo da cama, mortos de medo e se abraçaram. Depois, correram para a sala, onde tentaram olhar a rua, pelo vidro da janela, sem sucesso.

Foi quando o avô de Tuca, senhor Manoel, ouviu o barulho deles e levantou, mandando os três de volta para a cama.

Deitaram a contragosto e esperaram, mas, como não ouviram mais nenhum uivo, acabaram adormecendo, cansados.



Pela manhã, ainda no desjejum, os meninos não tinham outro assunto e falavam todos ao mesmo tempo sobre a experiência vivida na madrugada. O mais impressionado era Cacá, menino da cidade, que até aquele dia pensava que o lobisOMEM era somente uma lenda.

Jean, mesmo morto de medo do lobisOMEM, fingia estar acostumado para não parecer fraco perante os outros, já que era o único que morava no quilombo e sempre ouviu aquela história e os uivos.

Após o café, os meninos saíram para brincar e Tuca, sempre mais reflexivo e corajoso, em um momento propôs:

– Gente, por que a gente não vai ver o lobisOMEM? Quero dizer, o senhor que se transforma em lobisOMEM? Afinal, ele mora aqui e a essa hora está bem claro, não há riscos.

– Deus me livre! – respondeu Cacá, já querendo correr.

– Calma, Cacá – retrucou Tuca. Vamos só olhar a casa dele, de longe. Não precisamos passar pela porta nem conversar com ele.

– Está bem, vamos. Mas se ficar perigoso eu volto correndo, viu?

Os primos concordaram e foram os três rumo à casa temida.

Desceram um pouco a ladeira e viraram na rua indicada por sr Manoel, que fez questão de ensinar logo cedo a localização da famosa casa aos meninos, quando indagado, durante o café da manhã.



Grande foi a surpresa dos três meninos quando perceberam que, apesar de ser uma rua comprida, só há uma única casa nela. No mais, eram somente a Casa de Farinha, deserta naqueles dias de feriado, a plantação de aipim, além de muitas árvores e pastos.

A casa do senhor que se transforma em lobisomem é uma casinha bem bonitinha, pintada de rosa, com um pequeno jardim na frente e muitas árvores com frutas ao redor.

Os meninos perceberam que a porta e as janelas estavam fechadas e resolveram se aproximar um pouco mais.

-Parece que ele saiu. Vamos observar mais de perto?
Propôs Tuca, sempre curioso.

Apesar de muito assustados, os outros dois concordaram e, assim, foram se aproximando lentamente da casa.

Foi quando ouviram uma voz tranquila e baixinha atrás de si.

– O que estão fazendo aqui desse lado, meninos? Precisam de ajuda?





Tuca, Cacá e Jean quase desmaiaram de susto! Mas, ao se virarem, depararam com um senhor pequeno, franzino, sorridente e amistoso, que perguntou:

– Você não é o neto do meu amigo Manoel e de Dona Amelinha da rua da igreja? Falou o homem, se dirigindo a Jean. Quem são esses dois?

– Ssss...sss....são meu primo Tuca e o amigo dele, Cacá, que vieram passar o feriado aqui no quilombo, seu Antônio. Respondeu Jean, gaguejando ao se deparar com o lobisomem, frente a frente.

– Ora, então são gente amiga! – Respondeu o senhor. Não querem entrar e conversar um pouco? Aquela mangueira é temporã, está carregada de mangas maduras, que vocês podem pegar à vontade! Não recebo muitas visitas. Gostei de ver vocês aqui.

Cacá, ainda sem entender de quem se tratava, ficou pensando como aquele vovô tão simpático poderia ter acesso à casa do lobisomem e foi logo avisando:

– Sr Antônio, o senhor não tem medo do lobisomem? Ele mora nesta casa!

Jean, envergonhado e assustado pela atitude do amigo, deu um puxão nele e foi se desculpando:

– Desculpa meu amigo, seu Antônio. Ele não quis ofender o senhor. Já estamos indo embora.

– Ora, meninos. Respondeu o simpático velhinho. Eu já estou acostumado com essas coisas. Vamos conversar aqui do lado de fora mesmo, sentados nestes bancos de madeira. Não precisam ter medo.

Foi então que Cacá e Tuca perceberam de quem se tratava, mas, comovidos pela atitude amorosa do senhor, resolveram entrar no jardim e sentar um pouco.

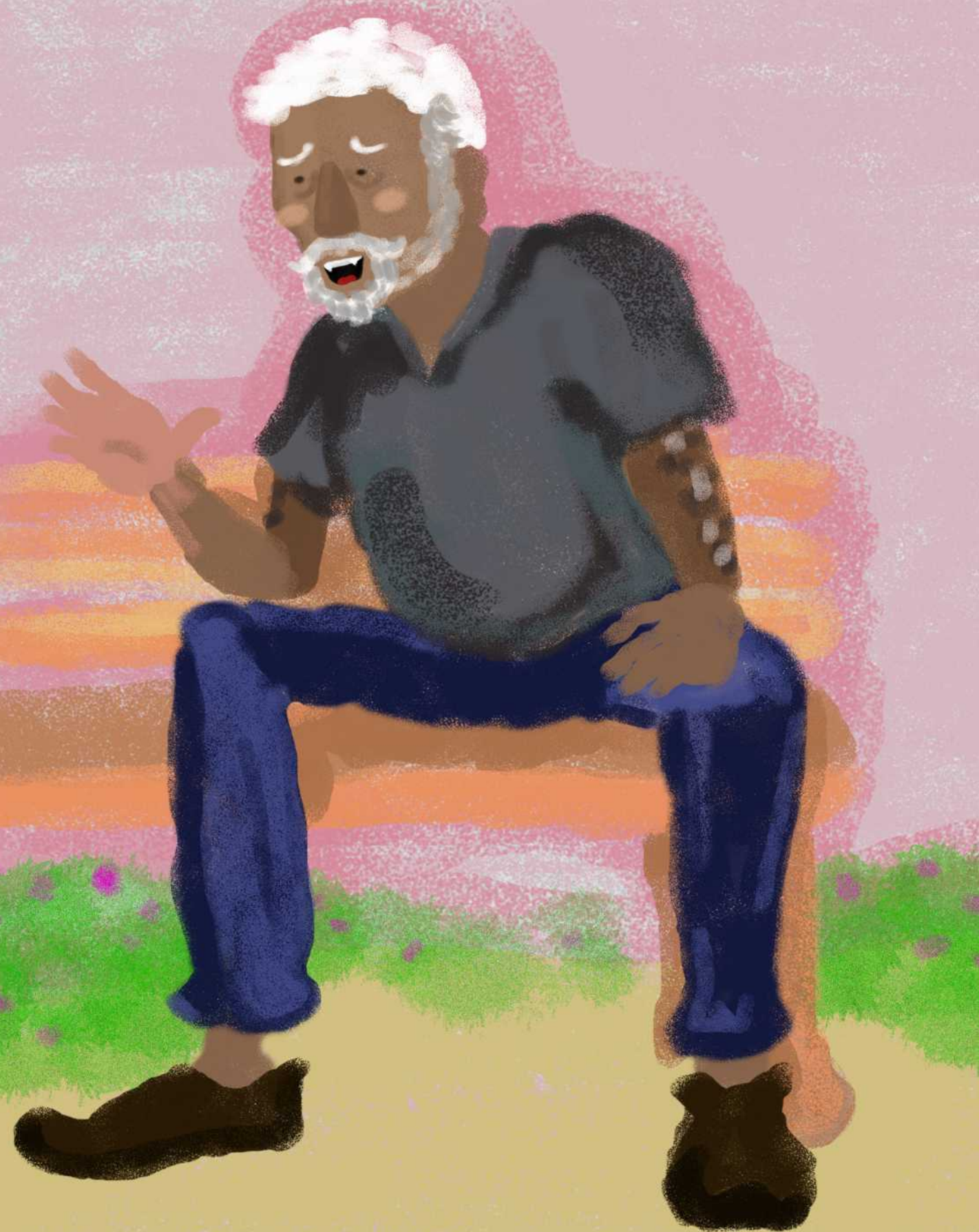
– Meninos, eu sou o lobisomem. Na verdade, sou Antônio, que, por uma maldição, recebi esse sofrimento, desde menino.

Os meninos ficaram boquiabertos e condoídos com a forma do senhor em relatar sua experiência de vida e ficaram mais atentos.

– Eu comecei a me transformar em lobisomem ainda pequeno, sempre que a lua cheia aparece no céu. Mas só minha família sabia: mãe, pai e irmãos, porque minha mãe tinha medo das pessoas saberem e me trancava e escondia, para eu não sofrer violência. Foi somente na adolescência que eu comecei a fugir de casa quando a lua me chamava. Aí, quando fiz 17 anos, resolvi construir essa casa num terreno de meus avós e morar só, para não atrapalhar a vida de minha família.

– Seu Antônio, o senhor não teve medo? De morar só? Perguntou Tuca.

– No início eu tive, menino. Mas minha mãe e meu pai, enquanto estavam vivos, sempre vinham me ver, trazer uma comida, conversar. Infelizmente, a notícia que eu tinha essa maldição se espalhou e isso causou muito medo nas pessoas por mim. Também pessoas da minha família me viraram as costas e foram embora da comunidade. Aí, quando meus pais faleceram, eu fiquei só no mundo.



– Os meninos estavam com lágrimas nos olhos, com pena daquele senhor tão bondoso e sofrido, pela solidão e exclusão.

– O senhor não tem nenhum amigo, seu Antônio? Perguntou Cacá, vencendo a timidez.

– Tenho meus amigos de infância, que nunca deixaram de falar e negociar comigo, como seu avô – respondeu, se dirigindo a Jean. Eu cultivo frutas e hortaliças, que vendo nos comércios da vizinhança. É assim que tiro meu sustento.

– Se o senhor tem amizades, como não frequenta as festas e as atividades daqui, seu Antônio? Perguntou Jean.

– É muito difícil ser diferente no mundo, ainda mais quando a sua diferença não tem como ser mudada. A maioria das pessoas não me aceitam, principalmente os mais jovens, mesmo sabendo que eu não faço mal a ninguém...

mesmo sabendo que quando a lua me chama eu corro para a mata e lá fico até amanhecer e voltar ao normal.

– Para mim, que sou negro, também é muito difícil viver nesse mundo, seu Antônio. Entendo o senhor. Já sofri muito racismo na cidade onde moro. O único na minha escola que me aceita e brinca comigo é Cacá.

Os meninos, com lágrimas nos olhos e num ímpeto, levantaram e abraçaram seu Antônio, por empatia.

Depois, foram ao quintal buscar as mangas, que ele ofereceu com muito carinho.

Brincaram a valer, mas na hora do almoço voltaram para casa de vovó Amélia e vovô Manoel, onde relataram a visita inusitada.



Toda a família ficou bastante comovida com a solidão do senhor e resolveu ajudar na sua inclusão na comunidade, convidando-o a participar de festividades como aniversários, carnaval, a queima de Judas do Sábado de Aleluia, novenas religiosas, Natal e outras atividades... mas só em dias que não são de lua cheia, claro!

Desde então, sempre que podem, Tuca e Cacá visitam o quilombo do Monte e sempre vão buscar mangas e bater um bom papo, junto com Jean, com seu amigo. Além disso, ajudaram seu Antônio a ter menos solidão no quilombo, levando outras crianças a visitar a ruazinha de uma casa só e buscar manga no quintal do simpático lobisomem.





Este livro foi editado graças ao apoio da verba Proap do Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGAnt) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e integra as ações de pesquisa do doutorado em Arqueologia de sua autora.

Trata-se de um material de cunho patrimonial e educativo inestimável, que visa, por meio de uma narrativa lúdica e envolvente, a contar histórias que fazem parte da cultura do povo negro e quilombola do Recôncavo Baiano.

